

**CIÊNCIAS HUMANAS****Jovens feministas: um estudo sobre o feminismo no Instituto Federal Sul-rio-grandense*****Feminist young: a study about feminism on the Sul-Rio-Grandense Federal Institute***Francieli Duarte Vieira Sartório¹; Daniela Medeiros de Azevedo Prates²; Samir Dessbsel Ferreira³**RESUMO**

O presente artigo assume como objetivo analisar a constituição do grupo de jovens militantes feministas cuja atuação no câmpus Charqueadas do Instituto Federal Sul-rio-grandense possibilita a problematização de questões de gênero no âmbito escolar. O estudo ancora-se no campo de conhecimento sobre o feminismo e leva em consideração as arguições de diversos autores, como Beauvoir, Louro e Perrot que discorrem sobre a temática. Como procedimentos metodológicos foram realizadas observações junto ao grupo ao longo de dez semanas e entrevista semiestruturada com cinco integrantes do mesmo. Pode-se inferir que os participantes do grupo buscam difundir no espaço escolar a igualdade de direito entre os sexos. Para a elaboração da presente pesquisa o estudo dividiu-se em duas etapas: a primeira aborda alguns apontamentos sobre a discriminação de gênero e a segunda traz reflexões e análises sobre o grupo investigado.

Palavras-chave: *Feminismo; Jovens; Gênero; Escola***ABSTRACT**

The present article has as its objective to analyse the constitution of the militant feminist youth's group acting on the Sul-Rio-Grandense Federal Institute câmpus in Charqueadas and render problematic in the school the questions of gender. The study is anchored in the field of knowledge about feminism and it has taken into consideration the arguments of various authors like, Beauvoir, Louro and Perrot, who talk about the theme. As methodologic procedures, observations were carried out close to the group along 10 weeks and a semi structured interview with five group members. We can infer that the group participants try to disseminate into the scholar space, gender rights equality. For the preparation of the present survey, the study divided itself in two stages: the first approaches some indications about gender discrimination and the second one brings reflections and analysis about the investigated group.

Keywords: *Feminism; Yung; Gender; School*

^{1;2;3} IFSul - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Charqueadas/RS - Brasil.

1. SITUANDO A PESQUISA

“Homens, seus direitos e nada mais. Mulheres, seus direitos e nada menos”
(Lins, Machado, Escoura, 2016, p. 27).

Assumindo o pressuposto que as palavras não andam soltas no mundo para se referir aos objetos, mas que o constituem a partir de relações de poder que se inscrevem contingencialmente, iniciamos a discussão a partir da potência do enunciado evocado nos movimentos de mulheres na luta por equidade de direitos.

A esse respeito, é importante desde já ressaltar que é possível reconhecer ações dirigidas contra a opressão das mulheres em diferentes contextos históricos, porém assumem visibilidade como movimento social organizado no Ocidente, sobremaneira na virada do século XIX (Louro, 1997).

O feminismo pode ser compreendido pelo caráter de movimento que parte da reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, assumindo como principal ponto de contestação o questionamento sobre as relações de poder, opressão e exploração com base no gênero (Ferreira, 2008). Nessa direção, a luta feminista passa pela crítica e enfrentamento ao sistema de patriarcado existente, colocando em xeque normas e padrões sociais cujos efeitos se desdobram em desiguais condições de vida entre homens e mulheres.

Conforme nos remete os próprios significados atribuídos a palavra “movimento”, o feminismo não está inerte ao “andar em torno de um eixo”, ao “pôr-se em movimento”, dispõe-se a “mudar(-se) de lugar”. Assim, ao longo de seu percurso, no “decorrer, o tempo”, assume diferentes pautas e reivindicações, inclusive articulando-se a outros movimentos sociais afim de “desencadear, promover ou suscitar” outras formas de luta de “dar ou ganhar movimento”.ⁱ

Nesse sentido, ao nos referirmos ao feminismo, reconhecemos a pluralidade de trajetórias, experiências e reivindicações em que se inscrevem diferentes percursos ao “ir-se embora”, em constante movimento. Nesse devir, suas pautas ultrapassam as discussões em torno do patriarcado, ainda que necessárias, corroboram a pensar de outras formas as questões de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais, religiosas e políticas a que se imbricam. Ainda assim, é possível sucintamente situarmos o movimento feminista a partir de três ondas que assumem expressiva visibilidade na história e permitem tratarmos com certo “didatismo” a temática para iniciantes.

A primeira onda refere-se a um longo período ocorrido entre os séculos XIX e XX, remetendo a luta das mulheres pela igualdade de direitos políticos e contratuais. Tratava-se de um período em que a submissão da mulher era algo recorrente, sendo naturalizada a opressão em todos os aspectos da vida social, cujos papéis findavam-se na negação da possibilidade de assumir-se como sujeito. Na esfera pública, as mulheres nem mesmo tinham direitos reconhecidos, levando-se em consideração que, em muitos países, não tinham direito a propriedade, ao voto, a educação. Na esfera privada, resguardava-se o mesmo silenciamento da vontade, da potência, marcado por casamentos arranjados, assujeitamento aos desejos e decisões tomados pelo cônjuge, restringindo toda a existência a papéis voltados a vida familiar.

Na virada do século, as manifestações contra discriminação das mulheres assumem visibilidade através da luta pelo direito político ao sufrágio, ou seja, pelo direito da mulher em escolher seus

representantes políticos. O sufragismo, como ficou reconhecido, assumiu expressão em vários países ocidentais, com forças e resultados diferentes conforme descreve Louro (1997) a esse respeito e, mais tarde, passando a ser reconhecido como primeira onda do feminismo.

Além dos objetivos destacados, eventualmente acrescia-se reivindicações ligadas à organização familiar, acesso a estudos e a determinadas profissões conforme contexto de alguns países, geralmente remetendo aos interesses de mulheres brancas e de classe média, afinal, a luta de mulheres negras passavam por demandas ainda mais profundas e não reconhecidas. Nesse percurso, é necessário ainda ressaltar que já havia feministas preocupadas com os direitos sexuais e reprodutivos, inclusive em relação ao aborto, o que evidentemente não contava com o apoio da maioria da sociedade.

A segunda onda do movimento, por sua vez, remontou reivindicações em torno da liberação feminina, iniciadas na década de 60 e com forte expressão na década de 70. As pautas passaram a propor o debate em torno das condições de vida e de trabalho de mulheres, colocando em xeque costumes que restringiam o papel da mulher à imagem da mãe e dona de casa.

Nessa onda, o movimento teve muitas conquistas. As mulheres reivindicaram garantias de direitos de liberdade sexual, educacional, problematizando desigualdades salariais, direitos reprodutivos, violência doméstica e sexual. As mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho e romperam padrões tradicionais que as restringiam a esfera doméstica (Lins, Machado, Escoura, 2016).

O período foi marcado pela forte influência da teorização da filósofa Simone Beauvoir (1908-1986), cujo livro intitulado Segundo Sexo (1949) permite problematizar concepções vigentes ao que se refere às noções de sexo e gênero as quais se firmavam na proposição de que aspectos biológicos determinariam o comportamento dos indivíduos. Em contraposição, a autora permite compreender que se trata de construções sociais e culturais, conforme permite depreender sua celebre citação: "Não se nasce mulher; se torna".

Na mesma direção, é importante ressaltar a importante contribuição de teorias como da antropóloga estaduniense Margaret Mead (1901-1978), a qual coloca em xeque as teses defendidas pelo determinismo biológico ao analisar os diferentes comportamentos entre homens e mulheres na década de 30 entre os Arapesh, Mundugumur e, por fim, os Tchambuli, territorialmente presentes no que hoje reconhecemos como Nova Guiné. As discussões se consagraram no livro Sexo e Temperamento (1935), considerado a primeira tentativa de problematização de identidades sexuais a partir da perspectiva (trans)cultural e comparativa, a qual permite visibilizar a construção social e cultural de masculinidades e feminilidades que não se produzem de forma universal. Ao contrário, permite compreender que há diversas formas de conceber papéis e comportamentos de homens e mulheres em diferentes sociedades e culturas.

Evocando a potência do enunciado lema da segunda onda: "o pessoal é político", militantes buscavam levar as mulheres a compreender que aspectos da vida pessoal encontravam-se profundamente politizados e submetidos a relações de poder desiguais, nesse sentido, articulando-se a outros movimentos da população negra e de trabalhadores.

Assumi expressão nesse período a combatividade e engajamento visibilizados em grandes marchas e protestos. No contexto da ditadura militar, como no caso do Brasil, as militantes atuaram ainda pela redemocratização do país (Lins, Machado, Escoura, 2016).

A fase mais recente, reconhecida como a terceira onda do feminismo teve início na década de 90. Encontrava-se fortemente influenciada pela teoria *queer*, especialmente a partir da influência da filósofa americana Judith Butler (1956), passando a questionar a suposta linearidade concebida em torno das noções de sexo, gênero e desejo. Nessa direção, colocando em suspeição os próprios processos de normalização pelo caráter restritivo e excludente que assumem ao produzir expectativas em torno do simplismo binário entre masculino e feminino.

Aborda com mais intensidade as questões feministas referentes à sexualidade, idade, etnia, educação e trabalho. Também nesta nova fase, feministas negras passaram a reivindicar seus espaços, já que sofriam dupla discriminação: de gênero e etnia. O desafio desta onda era questionar o que realmente era bom para cada mulher, conforme é possível depreender a partir das arguições de Teles (1999):

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura, política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas por outras pessoas (Teles, 1999, p.10).

A partir do viés de contestação quanto às diferentes relações de poder e visibilidade de formas de opressão, surgem diversos movimentos que se articulam aos ideais feministas, cujo esforço incide em desnaturalizar construções sociais que sustentam desigualdades e as quais permeiam processos educacionais.

O que nos possibilita refletir sobre a importância dessa discussão nos espaços públicos de ensino, na medida em que compreendemos que as desigualdades de gênero são produzidas socialmente, através de processos educacionais de diferentes âmbitos; bem como reconhecemos a potência da educação na formação de sujeitos críticos, atuantes e fomentadores de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa direção, Freire (1987), destaca que a educação deve criar sujeitos capazes de refletir e lutar contra os diversos tipos de opressão que existem. Frequentemente vemos sua proposta de "educação libertadora", como referência destacada nas pedagogias feministas. Para Freire (1987) a escola tem um influente papel na desconstrução das relações de opressão. Percebemos, então, que através da escola, podemos promover ações que busquem a igualdade, inclusive entre os sexos.

A este respeito, Louro (1997) argumenta que:

Temos de admitir que qualquer iniciativa ou proposta de desestabilização dos atuais arranjos sociais, de acolhida ou de estímulo a novos arranjos precisa contar, necessariamente, com a construção de redes de aliança e solidariedade entre os vários sujeitos envolvidos nas práticas educativas e escolares — dentro e fora da escola (Louro, 1997, p.127).

Nessa direção, este artigo analisa a atuação de um grupo de jovens militantes feministas presentes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL) no câmpus Charqueadas. O grupo que vem visibilizando o engajamento entre alunosⁱⁱ e professores em prol da igualdade de direitos entre sexos, promove eventos e produz diversos materiais buscando problematizar a discriminação de gênero dentro e fora do Instituto.

Intitulados por eles mesmos como "Oficina sobre feminismo no IF" o grupo mobilizou um crescente interesse em seus ideais feministas. Semanalmente realizam encontros para pleitear a temática e após levam essas discussões para as redes sociais onde abrem espaço para que outras pessoas não pertencentes ao Instituto possam participar das mobilizações do grupo.

Esta pesquisa problematiza como se constitui o grupo de jovens militantes feministas dentro do IFSUL câmpus Charqueadas, analisando quais concepções sustentam suas práticas. Para a realização da mesma, foram utilizados procedimentos metodológicos de caráter exploratório e de pesquisa qualitativa, realizado através de observações e entrevistas com os participantes da Oficina feminista no IF.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos já concretizados sobre a temática que levou em consideração as arguições de diversos autores que discorrem sobre as questões relacionadas a gênero, a escola e ao feminismo, eixos centrais da pesquisa.

Por outro lado, foi ainda mister a aproximação aos principais referenciais teóricos que orientam as concepções do grupo, buscando compreender suas narrativas e práticas. Este levantamento bibliográfico contribuiu tanto na construção do objeto de pesquisa como no aprofundamento teórico da discussão, conforme discorre Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (Fonseca, 2002, p. 32).

Logo, foi realizado um período de observações sobre as oficinas, ocorrido ao longo de dez semanas no ano de 2015, tal como também foi observado os debates na rede social da qual o grupo participa. A vantagem em utilizar esta técnica de observação está no fato de que ela permite um contato pessoal com o grupo investigado, permitindo descrever minuciosamente aspectos culturais, saberes, práticas, relações de poder que operam na dinâmica do grupo, o que foi inscrito no registro sistemático no diário de campo e constituiu objeto de análise.

Para aprofundar a investigação, foram coletados dados a partir de entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2012), combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado pode discorrer sobre o tema em questão sem se prender as perguntas previamente formuladas.

No início das investigações, primeiramente houve uma apresentação acerca desta pesquisa aos meninos e meninas participantes do grupo, em que foram explicados objetivos, procedimentos metodológicos e éticos envolvidos. Em especial, destacou-se o caráter não obrigatório da participação, a garantia de anonimato e a desvinculação a qualquer momento, conforme previsto em termo de

consentimento. Todos os presentes na ocasião se mostraram dispostos e interessados em ajudar no que fosse preciso, o que facilitou muito a investigação.

No decorrer das observações, alguns contratempos também se apresentaram como, por exemplo, a suspensão do calendário acadêmico pela direção do IFSUL, o que dificultou a continuidade das oficinas em virtude do ônus em relação a deslocamento de alunos. Porém, logo que as mesmas foram retomadas, iniciaram-se as observações das reuniões do grupo, que ocorriam sempre pela manhã nas quartas-feiras e geralmente duravam cerca de uma hora.

Para proceder às entrevistas que ocorreram em janeiro de 2016, o grupo foi convocado virtualmente já que, neste período, as oficinas foram encerradas e o Instituto estava em vésperas das férias. Pode-se dizer que a realização da pesquisa deu-se em forma de conversa buscando informações de relevância para o estudo, momento em que os participantes relataram a história e os futuros projetos da "Oficina sobre feminismo no IF".

A técnica envolveu o diálogo com cinco jovens militantes que participavam do grupo, inclusive um professor do Instituto participante da oficina. A abordagem ocorreu a partir dos seguintes pontos de discussão: contexto de emergência da oficina, perfil de participantes, bases de fundamentação teórica e metodológica do grupo, como dinâmica de funcionamento, espaços de atuação e resistência, bem como conceitos centrais que sustentam sua prática.

As informações construídas ao longo das observações registradas no diário de campo e das entrevistas (transcritas) constituíram os dados que foram selecionados e analisados em articulação aos referenciais teóricos. Na elaboração dos resultados, foi preservada a identificação dos participantes da pesquisa, sendo utilizados pseudônimos em sua maioria escolhidos pelos próprios jovens.

Para a compreensão inicial deste estudo, é necessário levar em consideração que a definição de sexo, sexualidade e gênero são distintas. O termo gênero passou a ser empregado na teoria social da década de 70, embora tenha sido popularizado somente na década de 90, propondo outras maneiras de pensar as noções de masculino e feminino a partir das relações sociais e de poder (Lins, Machado, Escoura, 2016).

A esse respeito, Louro (1997) considera que é a partir das feministas anglo-saxãs que o termo *gender* passa a ser utilizado como distinto de *sex*, assumindo como propósito rejeitar o determinismo biológico presente. Nessa direção, sexo passa a se referir ao fator biológico (aparelho genital) que define os seres humanos como machos ou fêmeas. Gênero, por sua vez, diz respeito ao modo como cada sociedade e cultura em determinado período produz parâmetros a respeito dos papéis e atribuições entre homens e mulheres, meninos e meninas. Sendo assim, pode-se definir gênero como uma construção social e cultural, o que não têm a pretensão de negar que gênero se constitui com/sobre corpos sexuados (LOURO, 1997). E já a sexualidade é o que é definido como desejo sexual. É o que classifica as pessoas em "heterossexuais", "homossexuais", "bissexuais", etc.

Gênero, então, é algo que a sociedade nos impõe como sendo coisas ou de homem ou de mulher, é o que se constitui sobre corpos sexuados, onde é enfatizada a construção social e histórica das características biológicas (Louro, 2003).

Partindo de tais premissas, passa-se a compreender o caráter educacional envolvido na constituição dos corpos sexuados, ponto central sobre o qual se problematiza, nesta pesquisa, a atuação de um grupo de jovens militantes feministas presentes IFSUL. Para tanto, o artigo dispõe suas análises em dois eixos. O primeiro eixo apresenta o campo de pesquisa, autores e teorizações que discorrem sobre a temática abordada. O segundo eixo assume como foco reflexões e análises sobre o grupo investigado, trazendo as principais inferências da pesquisa.

2. DA (IN)VISIBILIDADE DA HISTÓRIA DAS MULHERES: BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

Por muito tempo, a história das mulheres foi invisibilizada na medida em que poucos relatos se referiam ao seu papel na sociedade e, quando traziam referências, remetiam a sua desqualificação por serem consideradas o “sexo frágil” ou “pecadoras”, como podemos perceber, por exemplo, em passagens bíblicas. Os livros nas bibliotecas (em sua grande maioria escritos por autores do sexo masculino) estavam destinados a difundir e exaltar os grandes feitos dos homens, em suas páginas não existiam textos que mencionasse o papel da mulher na sociedade, invisibilizando-a diante da história e/ou reiterando sua condição de dependência ao homem.

Embora saibamos que, em diferentes contextos, as mulheres desempenharam um papel importante na sociedade, sua história mantinha-se silenciada ou restrita a poucos relatos, geralmente assumindo o papel secundário e de pouca importância na sociedade.

A este respeito, é importante ressaltar o trabalho da historiadora francesa Perrot (2007) que traz a perspectiva de que as mulheres, antes da década de 1960, eram invisíveis diante da sociedade, pois não possuíam história.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isto é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeito, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimula elas. No caso de greves mistas, por exemplo, ignora-se quase sempre o número de mulheres (Perrot, 2007, p.21).

Somente a partir dos anos 60, as mulheres passaram a ter algum registro na história. Isso ocorreu devido a ativistas feministas reivindicarem uma história sobre as mulheres, que mostrassem as mesmas como heroínas que muitas vezes foram, e também as questões relacionadas às opressões sofridas.

Acadêmicas da época passaram a escrever sobre o assunto, potencializando movimentos feministas, permitindo que relatos afirmativos sobre as mulheres começassem a surgir e a designar um novo campo de estudo que atualmente é amplo, conforme permite compreender Scott (1992):

A história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos para ela alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo (Scott, 1992, p.65).

Se hoje a história das mulheres aparece como um campo definível, devemos lembrar que também existe uma abundância de relatos que fortalecem o patriarcado, determinando o sexo feminino como inferior. E este é um dos motivos pelo qual a luta feminista existe. É necessário extinguir as regras impostas por uma sociedade machista, que influencia social e culturalmente na vida da mulher.

Nesse aspecto, percebe-se que os espaços públicos possuem uma grande importância, pois através deles, é possível mostrar o quanto são opressivas essas práticas sociais que já se encontram naturalizadas na estrutura da sociedade.

3. EDUCAR PARA UMA NOVA HISTÓRIA: QUANDO O DEBATE SOBRE GÊNERO VAI À ESCOLA

Sabemos que as atribuições de diferentes papéis entre homens e mulheres são aprendidas social e culturalmente desde a infância, conforme cada sociedade em dado tempo, não podendo ser restringidas a uma questão da ordem biológica.

É recorrente ouvirmos enunciações como: “meninos brincam de carrinho, meninas de boneca” ou “menina tem que se comportar com modos femininos e não como um machinho”. O comportamento das crianças é influenciado desde o nascimento, através do que é imposto pela cultura ao qual estão inseridos.

Se notarmos a grande maioria das brincadeiras que promovem desenvolvimento físico e intelectual, perceberemos que são voltadas para os meninos, e assim lhe são conferidos os papéis de herói, de aventureiro, de profissionais bem-sucedidos, etc. Por sua vez, para as meninas, as maiores das brincadeiras envolvem atividades domésticas, predispondo-as a se limitarem a esse papel social e a verem a si mesmas como frágeis e dependentes.

Tais atribuições (e tantas outras) partem de parâmetros sociais e culturais que ensinam desde o nascimento, através de diferentes âmbitos educacionais, modos de identificação com base no sexo e sobre os quais se produzem múltiplas relações. Assim, quando alguém não se identifica a estes padrões, recorrentemente é visto com estranheza pelos seus pares.

O entorno cultural ao qual estamos imersos é o que produz parâmetros sobre o que é “ser mulher”. Nesta direção, é assertivo afirmar que aprendemos como ser mulher a partir de padrões socialmente construídos, conforme nos permite depreender Beauvoir (1967). A autora considera que o ser humano não possui uma essência fixa, sua identidade é construída na interação com o mundo, ou seja, “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (Beavouir, 1967, p. 9). Para a autora, é um conjunto de valores conservadores que determina como o “macho” ou a “fêmea” devem agir.

Beauvoir (1970) argumenta que a mulher é sempre vista como o “outro” (como geralmente são vistos todos os oprimidos) ou como o sexo dependente, não propriamente por questões biológicas, mas porque assim lhe é imposto, ao contrário do homem que desde criança já tem um tratamento diferenciado como sendo o sexo superior. Já o homem é aquele que é considerado mais forte, mais ativo e que é capaz de experimentar desde o início a supremacia masculina, fazendo com que a mulher seja apenas um reflexo seu, um objeto que ele determina como deve agir. Baseado neste pensamento, a autora afirma que “ [...] a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 1970, p. 10).

Considera que, mais recentemente, muitos homens passaram a entender a necessidade da mulher deixar de ser vista como o “outro”; entretanto, a maioria ainda apresenta um pensamento machista, possivelmente devido ao medo da concorrência feminina ou de ter que rever valores consolidados há séculos e que são vantajosos para o sexo masculino. Beauvoir (1970) argumenta que “[...] a burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses.” (Beauvoir, 1970, p.18). A este respeito, vale ressaltar que quando um sujeito se encontra em situação de privilégio, a igualdade lhe parece opressão.

Na mesma direção, Louro (2003) aborda que as mulheres sofreram e sofrem até hoje uma segregação em relação ao gênero, pois desde criança a mulher é vista como um ser angelical e frágil. Para a autora essa discriminação é algo que deve ser contestado dentro da escola, pois a mesma tem papel fundamental para desnaturalizar qualquer tipo de preconceito, o que historicamente também se produz nos próprios espaços escolares, conforme argumenta:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (Louro, 1997, p. 57).

Louro (2003) ainda salienta que a escola delimita espaços, informando o lugar de meninos e meninas, reforçando as desigualdades entre gêneros. Para exemplificar a questão, nos permite rememorar as separações entre meninos e meninas em filas para realização de algum trabalho ou até mesmo para praticar alguma atividade física. Refere também que existem docentes que esperam desempenhos diferentes de meninos e meninas em determinadas disciplinas (como se meninos fossem mais inteligentes para as áreas ligadas às ciências exatas e as meninas se saíssem melhor nas áreas ligadas às ciências humanas), fortalecendo assim os preconceitos.

Nesse sentido, podemos fazer uma reflexão sobre qual é o papel da escola acerca da temática, tendo em vista que é através da educação, seja ela ou não escolarizada que se aprende a (re)definir papéis de gênero na sociedade.

Fazendo uma relação com o estudo de Louro (2003) e as Oficinas sobre o feminismo que ocorrem dentro do IFSUL, é possível perceber que a escola em análise já possui um diferencial, pois nela está presente um grupo de jovens militantes feministas que envolvem a comunidade escolar em prol da

busca pelos direitos igualitários entre os sexos. Apesar de que ainda não se trate de uma iniciativa institucional, os participantes do grupo desenvolvem projetos e atividades que são apresentados dentro do Instituto.

Mas o que levou estes jovens a criarem um grupo feminista dentro de uma escola? A este respeito é mister sinalizar o estudo realizado por Zanetti (2009). A autora investigou um grupo de jovens feministas que existe na Região Metropolitana do Rio de Janeiro buscando compreender a constituição da identidade das participantes e a sua inserção no movimento feminista, interferindo que:

Em tempos em que se pretende convencer a todos e todas que a equidade entre homens e mulheres já é uma realidade e em que os estudos feministas parecem fora de moda, é importante registrar que este movimento não ficou no passado, continua presente, atuante e sendo incorporado por novas gerações. Os desafios a serem encarados são muitos, encontram-se tanto fora quanto dentro do movimento. Além de equiparar salários, acessar espaços de poder, enfrentar a violência sexista, faz-se necessário rever as relações hierárquicas estabelecidas dentro deste movimento que se pretende democrático e horizontal (Zanetti, 2009, p.69).

Percebemos então que a necessidade dos movimentos feministas por colocarem em xeque o modo como as questões de gênero perpassam relações de poder desiguais. Dentro de uma escola o assunto deve ser debatido sim, pois é ela quem pode mostrar outra realidade a seus alunos que nunca tiveram a oportunidade de fazer esta reflexão. O grupo de jovens militantes feministas presentes no IFSUL (câmpus Charqueadas), busca problematizar questões ligadas à discriminação de gênero dentro e fora do Instituto, buscando contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

4. OFICINA FEMINISTA NO "IF": PRODUZINDO NOVAS HISTÓRIAS

A análise sobre a constituição do grupo de jovens militantes feministas presente no Instituto federal Sul-rio-grandense (IFSUL) câmpus Charqueadas, ou o "IF" como denominam os jovens, perpassa condições de inteligibilidade. Nesse sentido, é importante compreender, mesmo que de forma breve neste artigo, o contexto em que este grupo está inserido, como emerge, sobre quais concepções, propostas e de que forma se dispõe seu funcionamento no IFSUL.

O IFSUL câmpus Charqueadas surgiu a partir de um Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica da SETEC- MEC, elaborado em 2005. O referido câmpus funciona desde 2006 oferecendo cursos técnico-integrados gratuitos em Informática, Mecatrônica, Fabricação Mecânica, Eletroeletrônica. Além destes, ainda oferece curso superior em Tecnologia e Sistemas para Internet, Engenharia de Controle e Automação, Pós-Graduação *lato sensu* em Educação e Contemporaneidade e, mais recentemente, *stricto sensu* com o curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica.

O Instituto conta com um amplo e organizado espaço físico. Os alunos ingressam no Instituto por meio de provas vestibulares e os docentes através de processos seletivos, onde são levadas em consideração as suas especializações para o cargo pretendido, o que faz com que a grande maioria seja especialista, mestre ou doutor na área em que atua.

No início do ano de 2015, ao ingressar como acadêmica do curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade no IFSUL (câmpus Charqueadas), foi possível observar a forte presença de cartazes questionando o papel da mulher na sociedade. Em muitos momentos, tornou-se presente um ambiente de tensionamento, afinal, tais cartazes não cumpriam a mera função informativa. Em sua potência, provocavam fortes discussões nos corredores do Instituto e de diferentes posições inscritas nos próprios cartazes como forma de reabrir o diálogo, corroborando ao debate, apresentando outras perspectivas ou simplesmente reificando as velhas estruturas que sustentam a desigualdade de gênero. Ao mesmo tempo, produziram inquietações que culminaram no desdobramento desta pesquisa: qual a autoria destes cartazes? Quais suas interlocuções aos ideais feministas? São produções de coletivo de alunos? Qual sua relação institucional?

Zanetti (2009) sinaliza que “[...] é possível identificar que em todo o país vêm sendo formados inúmeros núcleos de juventude vinculados a instituições feministas, coletivos estaduais, redes regionais e nacionais de jovens feministas [...]” (Zanetti, 2009, p. 52). O que é percebido como estratégico para autora, na medida em que permite a potencialização de discussões e ações em prol de seus pontos de contestação. É nesta direção que podemos situar o surgimento da Oficina sobre feminismo no IF. Formada inicialmente por alguns alunos e alunas participantes do Instituto e logo por alguns professores que consideravam importante a iniciativa de seus discentes em pleitear a temática, surgiu o grupo de jovens militantes feministas no IFSUL.

Com a intenção de “revolucionar” – como descrito pelo/as próprio/as jovens – a decisão em criar uma oficina sobre o assunto no contexto escolar surgiu a partir de um concurso cultural realizado dentro do IFSUL chamado “Malala”.ⁱⁱⁱ Sendo uma proposta do Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGED), órgão institucionalizado que visa promover o debate sobre questões de gênero no IFSUL, o concurso enfatizava a criação literária e vídeos sobre os direitos humanos e a luta das mulheres.

Dando seguimento à criação literária surgida no concurso “Malala” um professor de Língua Portuguesa criou um projeto de oficinas textuais, abordando com os alunos diversos temas que discutiam as questões sociais. Neste contexto, foi realizada uma palestra sobre violência doméstica junto a uma defensora pública ligada à delegacia da mulher de Porto Alegre- RS.

Os alunos/as que participaram dos projetos tomaram conhecimento sobre a importância da luta feminina e se interessaram sobre o tema. Assim que as oficinas literárias acabaram, a aluna Jessica, participante da mesma, decidiu fazer uma pesquisa que envolvia as obras da escritora Clarice Lispector, o existencialismo e famoso livro “Segundo Sexo” de Simone Beauvoir (esta última considerada por ela como grande referência ao feminismo). A partir de então, convidou outros colegas também interessados no assunto a criarem um grupo feminista dentro do IFSUL.

5. DA ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

Mesmo o grupo não sendo institucionalizado, os seus integrantes optaram por se reunir semanalmente dentro do IFSUL. As reuniões eram abertas e o convite estendido para todos os alunos e funcionários do Instituto. Geralmente, havia cerca de seis a dez participantes que traziam documentos diversos sobre o movimento feminista e discriminação de gênero. A conversa sempre ocorria de forma aleatória, escolhiam o assunto, geralmente liam ou assistiam algum vídeo relacionado e, após, debatiam o tema. Nos encontros observados, pode-se perceber que, embora muitas vezes as opiniões divergissem, sempre houve muito respeito entre todos.

Sobre as diferentes abordagens do tema nas reuniões, a integrante Jessica menciona que todos participantes trazem tudo que conhecem ou se envolvem sobre o feminismo, cada um contribui com o seu conhecimento, porque consideram que assim a discussão se torna mais interessante. Nesta direção, é importante frisar que as oficinas buscam embasamento teórico, como discorre o participante Henrique:

A gente montou uma literatura inicial: além da Beauvoir, havia aqueles Cadernos Pagu que eram vários estudos sobre feminismo, também tinha outra coletânea sobre feminismo e política que falava bastante da Ângela Davis e outras mulheres que contribuíram sobre o assunto. Não foi nenhum estudo sistemático, íamos lendo e comentando (Henrique, 35 anos, 2016).

Os Cadernos Pagu consistem em revistas sobre estudos de gênero no Brasil lançadas em 1993. Nelas, encontram-se diversas matérias, incluindo publicações de diversos autores que discorrem sobre o assunto, entre os quais, Ângela Davis, uma filósofa reconhecida por sua incessante busca pelos direitos sociais das mulheres e pela luta contra discriminação racial.

Outro ponto observado refere-se liderança do grupo, embora participem professores e alunos/as com mais conhecimento sobre o assunto, não existe na Oficina sobre feminismo no IF uma liderança, todos opinam, conversam e debatem sempre com muito respeito. Os professores presentes são apenas participantes e, como os demais, comandam as atividades em conjunto, respeitando a liberdade de criação de todos. Sobre esta questão a integrante Jéssica nos esclarece que:

No começo queríamos que ele (o professor) liderasse, até porque a gente tem sempre aquela visão de que o professor é quem tem que conduzir, né? Achávamos que seria como uma aula em que teria que ter algum mestre. Mas, depois não, depois começamos a ficar como amigos, como colegas ali discutindo (Jéssica, 18 anos, 2016).

Mesmo quando o grupo tinha que tomar decisões sobre a exposição em algum evento ou a confecção de um cartaz, por exemplo, tudo era decidido entre todos, não havia discussões desrespeitosas. Notava-se que os participantes eram unidos e uns colaboravam como os outros, sempre na busca de problematizar as questões de gênero no âmbito social. Assim, traziam como pauta de seus debates questões como violência contra mulher, condições de trabalho, combate ao machismo, entre outros assuntos.

As observações sobre narrativas e práticas presenciadas nos espaços ocupados pelos jovens participantes permite perceber sua potência, tornando-se um espaço privilegiado de protagonismo juvenil, trazendo como demanda própria de sua geração a necessidade de colocar em xeque relações de poder desiguais, opressivas e discriminatórias que operam a partir das diferenças de gênero. Nesta direção, Giovanne (2003) expõe que:

Nas sociedades excludentes e opressivas em que vivemos no mundo todo, em que são bloqueadas desde muito cedo as condições das pessoas de transformarem suas histórias e realidades coletivas, em que a própria revolta e as aspirações de liberdade da juventude são esvaziadas de seu conteúdo político, muitas jovens não chegam a experimentar nem a necessidade das análises de gênero (GIOVANNE, 2003, p.656).

Para os participantes do grupo, ser jovem e feminista significa tentar modificar a própria realidade. Como eles/as mesmos relataram, é algo desafiador, é tentar mudar a postura conservadora fortemente presente na sociedade e, portanto, muitas vezes também presente na própria família.

Como é a gente que tem o futuro ai na frente é tentar mudar o nosso próprio futuro (Carlos, 17 anos, 2016).

Essas lutas ajudam a abrir muito a cabeça das pessoas [...] (Gilberto, 17 anos, 2016).

Eu vejo uma mudança até na minha casa, é desafiador pra gente porque a gente tem que desafiar todo mundo, porque a nossa família é machista, nossos amigos são. Então, a gente perde amigos de vez em quando, né? Fica de mal com os pais, de mal com a avó [...] (Jéssica, 18 anos, 2016).

Durante o percurso da criação do grupo muitas dificuldades foram encontradas pelos jovens feministas do IFSUL, primeiramente porque sofreram grande resistência da comunidade escolar que, conforme os relatos, teria encarado o grupo como um mecanismo de disputa de legitimidade a partir das intervenções que passaram a produzir. O que foi possível visibilizar em situações como rasuras ou retirada de cartazes que se encontravam expostos nas dependências do Instituto.

Coragem, talvez seja, a palavra que defina a postura frente às resistências encontradas pelo grupo, afinal, muitas vezes houve a necessidade de defender seus ideais em diferentes espaços. A exemplo, a ocasião em que uma integrante da oficina feminista teve a oportunidade de palestrar para os alunos/as do curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade do IFSUL. Enquanto a mesma explicava sobre a obra de Simone de Beauvoir e as propostas do movimento feminista, a participante foi insultada de ser misândrica^{iv} por um aluno que tinha aversão ao movimento. Neste mesmo instante, relata que educadamente explicou ao aluno que ele estava enganado sobre sua concepção de feminismo e que, na verdade, o mesmo só busca igualdade de direitos entre homens e mulheres. Sobre este ponto Ferreira (2008) enuncia que:

O movimento feminista é muitas vezes percebido apenas enquanto um movimento sexista, que procura opor homens e mulheres, e esta não é, de forma alguma, a base da sustentação da luta das feministas. Elas não procuram perceber o homem enquanto inimigo, mas sim criticam e opõe-se a uma construção de papéis e uma concepção hegemônica na sociedade sobre a relação entre homens e mulheres, a qual inferioriza a mulher. O verdadeiro inimigo do movimento feminista é o mito do macho, que confere o estabelecimento de uma hierarquia sobre os sexos, do mesmo que a autoridade do homem sobre a mulher (Ferreira, p.176, 2008).

Por sua postura ao compor a resposta, a aluna foi aplaudida pelo restante da turma, embora não pudesse impedir a postura tomada pelo agressor de se retirar da sala. Quando interpelada sobre o fato, a jovem palestrante disse já estar acostumada a enfrentar este tipo de situação, principalmente nas redes sociais.

Sobre as redes sociais, é possível constatar que apresenta uma forte influência na aceitação do grupo pelos alunos do IFSUL, pois, ao utilizarem a rede social Facebook^v como estratégia de comunicação, foi possível expandir o debate sobre o feminismo às pessoas que não participavam das oficinas. Sobre a relação das redes sociais, o estudo de Rabello (2014) que afirma:

Considerando a aprendizagem um processo essencialmente social, que se dá na interação com o outro por meio da linguagem e nas relações dialógicas entre os sujeitos, podemos entender os Sites de Redes Sociais(SRSs) como espaços de diálogo que demandam uma atitude responsiva dos participantes, de forma que os interagentes transformem e sejam transformados pelos contextos interacionais (Rabello, p.10. 2014).

Observando as postagens e discussão do grupo feminista na rede social Facebook percebe-se que aos poucos o grupo foi aderindo cada vez mais componentes, incluindo participantes de outros câmpus em sua rede.

É importante ressaltar que não são somente as mulheres que participam da oficina feminista, na oficina presencial o número de mulheres e homens é homogêneo e no grupo do Facebook dos 148 membros, pelo menos 35 são do sexo masculino. O que é um número expressivo diante dos parâmetros machistas ainda fortemente presentes na sociedade contemporânea. Outro ponto a ser considerado é que ainda que estejam em menor número na rede social os homens interagem na troca de informação tanto quanto as mulheres.

6. PRODUZINDO MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DE REFLEXÃO SOBRE GÊNERO

Desde que iniciaram as atividades da Oficina sobre feminismo no IF, os jovens militantes já participaram de vários eventos, entre eles estão a Mostra de Ciência e Tecnologia do IFSUL (MOCITEC),^{vi} a Mostratec,^{vii} o Sarau escolar ocorrido no IFSUL,^{viii} o prêmio Jovens Cientistas na UFRGS,^{ix} entre outros. Nestas oportunidades eles/as levaram a o tema feminismo para que todos pudessem refletir sobre as discriminações de gênero.

Por mais que os jovens militantes tenham sofrido resistência no início, tiveram um excelente impacto nas questões ligadas ao papel da mulher na sociedade, pois tanto dentro do IFSUL, como fora do mesmo, muitas pessoas mudaram sua postura diante da temática. Se antes consideravam o feminismo como a inversão do machismo, hoje já percebem que tudo que aprenderam desde a infância foi construído culturalmente através da sociedade que impõe parâmetros a partir das relações de poder que produzem desigualdades de gênero, discriminação e violência.

As atividades do grupo causaram mudanças dentro do IFSUL, alguns participantes relataram que existia muito machismo entre os colegas e até mesmo por parte de alguns professores que faziam piadas machistas e homofóbicas em aula. Conforme discorreram, assim que o grupo iniciou as atividades alguns alunos se encorajaram a fazer denúncias sobre o fato, buscando maior respeito dentro da instituição.

O jovem feminista Gilberto refere que na turma de Mecatrônica em que ele estuda no total de trinta alunos apenas seis são mulheres e que por este número já da para perceber a força de padrões sociais existentes.

Outro fator importante que deve ser lembrado é o número de alunos que passaram a se interessar pelo assunto. Mesmo que não participassem da oficina, eles mudaram de posição e hoje entendem a importância do movimento feminista. E isto, de certa forma, vem acontecendo em várias escolas do país:

Escolas e academias, em suas práticas, experimentam continuidades e descontinuidades, realizam deslocamentos e, eventualmente, rupturas. As denúncias, as questões e as críticas feministas, bem como aquelas vindas dos Estudos Culturais, dos Estudos Negros, dos Estudos Gays e Lésbicos também estão produzindo efeitos. Assim sendo, ainda que de formas talvez tímidas, vemos hoje em escolas brasileiras experiências e iniciativas que buscam subverter as situações desiguais — de classe, raça, gênero, etnia — vividas pelos sujeitos (Louro, 2003, p.120).

Como obtiveram resultados positivos, o grupo pretende dar seguimento aos trabalhos, influenciando outras escolas como ocorreu com o IFSUL da cidade de Sapucaia do Sul, onde atualmente esta sendo criado um grupo feminista, baseado na oficina. Também alunos de outras escolas de Charqueadas e da cidade de Arroio dos Ratos já mostraram interesse em conhecer as atividades realizadas.

Em planos futuros, os integrantes da Oficina sobre feminismo no IF planejam institucionalizar a mesma dentro do IFSUL. Em suma, a Oficina sobre feminismo no IF, veio problematizar nos espaços públicos as questões de discriminação de gênero dentro e fora do Instituto. Sabemos que ela alcançou resultados positivos e que as atividades da mesma irão continuar sempre com o propósito de melhorar a condição da mulher na sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou a constituição e o embasamento do grupo de jovens militantes feministas presente no câmpus Charqueado do IFSUL. Com base na pesquisa, é possível compreender a potência do grupo frente à comunidade escolar, através do modo como se organizam, propõem espaços de debate e de ações em que buscam experimentar a ruptura de padrões de gênero socialmente desiguais.

Os/as jovens militantes que participam da Oficina sobre feminismo no IF possuem conhecimento sobre a literatura feminista e estão embasados teoricamente em autores que são referências no movimento. Isso acontece devido à contribuição de cada integrante, potencializando o espaço de debate e propiciando o aprofundamento de saberes a partir da troca de conhecimentos entre os participantes.

Nas atividades realizadas, demonstram protagonismo no enfrentamento à crítica da sociedade que carrega valores heteronormativos e machistas cristalizados em sua estrutura. Defendem seus ideais com postura respeitosa, mostrando que o feminismo não busca vantagens sobre os homens e sim direitos igualitários.

Jovens como estes integrantes da oficina são capazes de fazer uma história onde as mulheres sejam as protagonistas de suas vidas. É interessante ressaltar que o engajamento dos homens nesta luta é de extrema importância, afinal participam ativamente das atividades realizadas pelo grupo e rebatem as críticas quando dizem que um homem não pode ser feminista.

Percebemos que os participantes da oficina encontraram na escola um lugar para divulgar o feminismo e fazer valer o respeito mútuo entre os colegas, funcionários/as e professores/as. Em relação a isto, pode-se verificar uma enorme diferença na aceitação da oficina, pois através da divulgação a comunidade escolar pode reconhecer a importância das atividades feministas no ambiente escolar.

Outro fator que merece destaque é o fato de que, a partir da oficina, alguns professores passaram a abordar a temática feminista em suas aulas, contribuindo (em paralelo com as atividades do grupo) para que o ambiente escolar se tornasse um local onde o respeito prevalecesse.

Por último, é importante salutar a importância dos espaços públicos escolares na promoção de espaços como as oficinas, na medida em que o processo educativo é potencial para produzir reflexões sobre justiça social e aumentar o engajamento de jovens em causas que visem à descontinuidade de padrões de gênero socialmente desiguais.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida** (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: Fatos e mitos** (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

FERREIRA, Letícia. As mulheres e a década de 60: para além da minissaia. In. PADRÓS, Enrique Serra; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos (Orgs.). **68: História e cinema**. Porto Alegre: EST, 2008.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. Jovens feministas em movimento: a marcha mundial das mulheres no III acampamento intercontinental da juventude. **Revista Feminista**, Florianópolis, v. 2, n. 11, p.655-660, jul. 2003.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 3 ed.

MENEZES, Meyrelle Paixão. A discriminação de Gênero na escola. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v.13, p. 143-156, jan-jun 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007
- PINTO, Celi Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos (Orgs.). **Ciências Humanas:** Pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2008.
- PRIORE, El Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- RABELLO, Cintia Cristina Lacerda. **Interação e aprendizagem em Sites de Redes Sociais:** uma análise a partir das concepções sócio-históricas de Vygotsky e Bakhtin. Rio de Janeiro, 2014.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. BURKER, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- SOUZA, Fabiana Cristina de. LEÃO, Andreza Marques de Castro. Entre o discurso pedagógico e ideológico na escola: estereótipos de classe, raça e gênero. In: Seminário Fazendo Gênero, 8, 2008. Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Souza-Leao_01.pdf. Acesso em 27 mar 2017.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- VIEZER, Moema. **O problema não está na mulher.** São Paulo: Cortez, 1989.
- ZANETTI, Julia Paiva. **Jovens Feministas:** um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro. Niterói: UFF, 2009. Dissertação (Mestrado), Curso de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2009.
-
- ⁱ Grifamos expressões referentes ao termo "movimento" que foram apropriadas de Aurélio (2017).
- ⁱⁱ Por uma questão de estilo de linguagem para manter o fluxo argumentativo, algumas vezes será utilizado os termos os jovens, alunos, professores e participantes de forma genérica conforme usualmente está presente em nossa língua, mas sem deixar de reconhecer seus usos no feminino.
- ⁱⁱⁱ Malala é o nome de uma menina paquistanesa que ganhou o prêmio Nobel da Paz em 2014, por defender os direitos humanos das mulheres e o acesso das jovens a educação em seu país.
- ^{iv} Aversão ou ódio relacionado ao sexo masculino.
- ^v Serviço de rede social amplamente utilizado pelos integrantes da Oficina sobre feminismo no IF.
- ^{vi} Mostra de Ciências e Tecnologias que apresenta, avalia e premia projetos de pesquisa em diversas áreas de conhecimento humano.
- ^{vii} Feira de Ciência e Tecnologia que se destina a apresentação de projetos de pesquisa em diversas áreas. É realizada anualmente na cidade de Novo Hamburgo, Rio grande do Sul, Brasil.
- ^{viii} Sarau literário cujas edições vem ocorrendo desde 2015 no câmpus Charqueadas do IFSUL.
- ^{ix} Criado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o evento tem o objetivo de incentivar a pesquisa científica no Brasil.